Provão: em 70% dos cursos, nota abaixo da média
Marcos de Moura e Souza e Sandra Sato

MEC divulga avaliação inédita sobre desempenho e reforça crítica ao velho modelo

Nenhum dos cursos universitários avaliados neste ano pelo Exame Nacional de Cursos, o Provão, teve nota média acima de 80 pontos - numa escala que vai até 100. Dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação (Inep-MEC) mostram que, na maioria dos cursos (58,2%), a nota média dos estudantes ficou muito abaixo dessa marca, girando em torno de 20 e 40 pontos. É a primeira vez que o governo divulga as notas absolutas. Desde a criação do exame em 1997, o MEC apresentava os resultados pelos conceitos de A a E.

Segundo o presidente do Inep, Luiz Araújo, a idéia não é substituir o conceito por letras pela escala de notas absolutas, mas mostrar que, na visão do atual equipe do MEC, o critério criado durante a gestão do ex-ministro Paulo Renato Souza é insuficiente para avaliar a qualidade dos cursos e inadequado para orientar políticas públicas. A partir do ano que vem, um novo critério entrará em vigor. O Índice de Desenvolvimento do Ensino Superior (Ides) fará a avaliação do aluno, do professor, da infra-estrutura da instituição e do seu grau de responsabilidade social.

"Quando tiver o Ides, essa fotografia estará mais próxima da realidade", afirmou Araújo na sede do instituto, em Brasília.

O novo modelo agrada a entidades que representam instituições de ensino superior, especialmente as particulares, que julgam que o Provão não mede com precisão seus esforços em melhorar a qualidade dos cursos. "Durante anos, vocês enxergaram A como se fosse excelência", disse Araújo. Pelo critério adotado até então, acrescentou, se a média de notas de um curso for 30, quem tira 40 pode ter um A, o que não significa exatamente excelência.

O documento elaborado pelo Inep aponta que os resultados do Provão não permitem sequer uma comparação fiel de desempenho do curso de um ano para outro.

Em 2002, por exemplo, o A no curso de Engenharia Civil equivalia a 33,7 pontos. Neste ano, a 50. "Com isso o A de um ano equivale ao C do ano seguinte", aponta o documento. Para o Inep, essas variações são "distorções" da metodologia.

É por isso que o MEC - também pela primeira vez - não montou um ranking dos cursos, mas os organizou por ordem alfabética. As cinco áreas de conhecimento com o maior porcentual de conceitos A e B, são Odontologia, Jornalismo, Agronomia, Medicina e Engenharia Civil.

Politização - Ex-presidente do Inep e uma das idealizadoras do Provão, Maria Helena Guimarães da Costa entende que a avaliação feita pelo governo petista tem "claramente a intenção de desqualificar e minimizar o papel do Provão". Maria Helena considerou o teor do documento "politizado".

Segundo ela, a adoção do conceito de letras servia para que a sociedade pudesse comparar o desempenho do curso oferecido por uma instituição com o desempenho médio nacional. "Não achávamos que tinha relevância divulgar as notas dessa forma (usada pela atual equipe)."

Neste ano, 5.897 cursos de 26 áreas de conhecimento foram avaliados. Ao todo, 423.946 formandos participaram do Provão, realizado em julho. Segundo o secretário do Ensino Superior, Carlos Antunes, o Provão avalia menos da metade do cursos. "Não é essa avaliação que o MEC quer".

Continuação

Na universidade pública, maioria tem renda familiar até R$ 2,4 mil

Os dados do Provão de 2003 contestam a crença de que os filhos dos ricos estão nas universidade públicas e os dos pobres, nas particulares.

Dos formandos das públicas que participaram do exame, 70,8% são de famílias com renda igual ou inferior a R$ 2.400,00. No ensino superior privado, esse porcentual é de 58,4%.

A análise da situação financeira dos formandos desmente as conclusões do documento Gasto Social do Governo Central - 2001-2002 do Ministério da Fazenda, divulgado há um mês. No texto, o ministério questiona o volume de recursos aplicados nas universidades públicas alegando que os beneficiados são indivíduos que estão entre os 10% mais ricos da população. Os autores do documento sugeriram ao governo que transfira parte dos gastos com as universidades para programas de crédito educativo, com o objetivo de ajudar alunos de baixa renda a cursarem faculdades privadas.

Os dados do Provão mostram ainda que 26,5% dos estudantes com renda familiar de até R$ 720,00 estão nas públicas. As privadas têm apenas 12,9% de alunos nessa faixa. Para o presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), Luiz Araújo, isso mostra que não se justifica qualquer mudança na gratuidade das instituições públicas com base na renda.

O ministro da Educação, Cristovam Buarque, surpreendeu-se com os dados sobre a renda dos alunos das universidades públicas. Mas afirmou que, mesmo assim, eles estão entre os 20% mais ricos do Brasil. "A concentração continua."

Segundo o ministro, os pobres em geral não passam da 4.ª série do ensino fundamental, são raros na 8.ª série e quase desaparecem no ensino médio. O desafio mais urgente é garantir a essas pessoas o ensino médio, disse Cristovam, que encaminha hoje à Casa Civil um documento que propõe ajuda financeira às universidades públicas e diretrizes para a reforma dessas instituições. O ministro não quis adiantar ontem detalhes da proposta. (S.S. e M.M.S.)

Continuação

O dia-a-dia dos melhores do exame
Rosa Bastos

Eles são bons alunos e têm interesses que vão muito além dos livros, gráficos e palestras.

A nota máxima no Provão pegou de surpresa o recém-formado (e desempregado) engenheiro elétrico pela Unicamp Hélio Marcos Faria Ribeiro, de 22 anos. "Tenho colegas de curso que considero mais brilhantes", diz Hélio, um dos 45 alunos com melhor desempenho no exame, conforme relação divulgada ontem pelo MEC. "Esperava nota boa, mas não 100." Hélio explica que gosta de estudar, mas não é daqueles que só pensam nisso. "Tenho namorada, vou ao cinema e à balada. Sou até professor de forró!"

Francisco José Alves, de 23, nota 97 no Provão, não quer saber de dançar. No sábado à noite, quando os amigos saem para a balada, ele costuma ir ao Observatório Astronômico da Universidade de São Paulo, em São Carlos, onde mora. Não só vê estrelas como ouve palestras de físicos, engenheiros e matemáticos. "É um programão."

Apesar do desempenho no Provão, Francisco não se considera um estudante fanático. "Até o colegial empurrei com a barriga. Prestava atenção na aula e pronto." Francisco fez só a 7.ª e metade da 8.ª série em escola particular.

Todo o resto foi na rede pública. E, enquanto isso, trabalhava à tarde, no escritório de contabilidade do pai. Ele acaba de se formar em Engenharia Mecânica pela USP-São Carlos.

Além de estudar, gosta de passear de bicicleta e fazer trilhas. Aprendeu a cozinhar e faz pastéis, bolinhos de arroz, omelete e macarrão. "De vez em quando, vejo o programa da Ana Maria Braga para aprender umas receitas."

De classe média, David Daniel Turchick Rubin, de 21 anos, que se formou em Matemática pela USP, teve nota 95,5 e está desempregado. Estudou em colégios particulares. Matemática ele sempre tirou de letra. "O que a gente precisa aprender não são fórmulas, mas estratégias para resolver os mais variados problemas", ensina. Filho de professores, David nunca precisou que os pais o mandassem estudar.

Ao contrário, foi o menino que, aos 3 anos, começou a pegar no pé dos pais, ao decidir que seria vegetariano. Durante algum tempo, ainda consumiu queijo, leite, ovos e peixe. "Quando você se conscientiza de que está errado matar um animal, não tem jeito de comer. Tirar um peixe da água é o mesmo que afogar um cachorro", diz David, fundador da Sociedade Vegetariana Brasileira. Ele não pretende ser matemático, mas economista. Já está estudando para fazer mestrado. Fora isso, ouve muito rock dos anos 60.

Prefere ficar em casa, navegar pela internet, ver TV e pensar. "Ainda não reciclei todo o meu lixo. Há muito a fazer pelo planeta."

O Inep apontou vários fatores como os que mais afetam positivamente o desempenho dos alunos: ter pais formados, freqüentar bibliotecas, buscar informação na internet e não na TV, recorrer a livros e não apenas a apostilas e cadernos de anotações e estudar não só nas aulas, mas também em casa.

O Estado de São Paulo – 16/12/2003